

BEATRIX ANGÉLICA

Depois que o aço silenciou, as poucas pessoas que cruzavam a chuva ouviram-na chamar um nome. Mas caminharam mais depressa, temendo serem apontadas como testemunhas do fato. Os motoristas que passavam nem sequer diminuíram a velocidade, temendo a chuva que caía desesperadamente. Naquela noite todos temiam. Apenas ela, deitada na estrada e sentindo os pingos grossos rolarem por suas faces, apenas ela, chamando sem obter resposta, apenas ela olhava sem medo para frente e para o alto.

Acabavam de voltar da praia, aonde a areia havia bebido o sangue da primeira entrega. Ele a possuía enquanto o mar rugia forte, e seus corpos haviam soltado agulhas na hora do coito, afastando por instantes o fantasma da partida. Mas quando terminaram e olharam para o mar, o sinal do Adeus sorria indelével sobre as nuvens negras da tempestade que se aproximava. Daqui a algumas horas ele não seria mais que um sonho belo perdido na existência, uma canção que recordaria todas as vezes que olhasse o mar e as tempestades. E ela sabia, sim, ela sabia que o mar haveria de estar sempre ali, terrivelmente real, marcando cada coisa com o gosto daquele amor distante, assustadora e eternamente vivo na memória.

O carro deslocava imensas camadas de ar, as paisagens zombavam da chuva, o vento arrancava gritos lancinantes de cada galho retorcido. Com o volante dispendentemente seguro por uma mão perdida, eles murmuravam as velhas frases de amor que se renovam a cada instante. E enquanto ele sorria e cantava incitando-a a fugir, ela, de olhos fechados, sentia seu hálito quente, sem beijo apaixonado, mas como fogo do sexo ainda ardendo, insaciável. Pensava num

velho conto italiano, aonde os amantes se matam após uma noite de Amor. E sorria, sorria com a idéia de encerrar a vida ali, naquele momento culminante, quando a intensidade da Vida fora tão grande que necessitava da Morte.

Sentiu que seus dentes brilhavam, e pensou ter atingido o Infinito. Tudo de repente foi tomado de intensa luz, e ela sorriu mais ainda, a claridade era bela porque mostrava seu corpo nú, seus olhos plenos de poesia, as côres da floresta que os cercava. A claridade era linda e sincera, pensou ela, abrindo os olhos para beijá-lo. Mas na fração de segundo que se passou antes do choque, a única coisa que pode ver foi seu rosto emudecido pelo terror, enquanto os dois olhos do Fim se atiravam de encontro ao carro, projetando-os abraçados no céu lacrimajante.

Depois que tudo silenciou, ela pode perceber que estava estirada no asfalto, e vendo-o a seu lado, chamou-o baixinho, temendo desperta-lo. Mas vendo que não respondia, começou a gritar, e gritava, gritava sem cessar enquanto a chuva batia incessantemente em seu rosto ensanguentado. Estava incapaz de se mover, mas não sentia dor. Apenas um torpor fino começava a possuí-la, friamente, sem os requintes do sexo recém-descoberto. Antes de ficar inconsciente desejou a morte, mas ao invés da Morte veio o sono, e envolveu-a antes que pudesse chorar.

Ânsia louca de negar tudo e refugiar-me no país dos sonhos. E no entanto, a mulher que dorme a meu lado é dura, tem cheiro de Morte que me impede de sonhar. Seu corpo macio anuncia prazeres que se desfazem ao primeiro toque, como se nêles repousasse a Agonia Universal. Não há poesia no seus olhos, apenas o estalido sêco de uma barata esmigalhada.

Seus olhos estão fechados, mas posso ouvir o gemido do aço se contorcendo em seu cérebro, os apelos loucos cor-

tando a noite escura, a chuva escorrendo pelo seu rosto e substituindo as lágrimas que seria incapaz de derramar.

Não sei porque escrevo. Também não sei porque a noite é escura e o dia é claro. Tudo se mistura e se confunde, vejo pessoas sorrindo no meio de sofrimentos insuportáveis. O destino rege o Amor com a batuta da Morte, o desespero ecoa incessantemente pelo quarto e pelos caminhos da humanidade, os pássaros estão calados esperando o incêndio do Céu. A chuva toca uma sinfonia triste na vidraça, enquanto uma sirene solitária rasga a noite.

Todos dormem sem falar de amor. As flôres artificiais enchem as salas e exalam um perfume esterelizado para asfixiar os poucos corações sensíveis que restaram. Se alguém acende a luz, é cegado imediatamente pela podridão entrincheirada. Da minha confortável cama enxergo o outro lado do mundo, aonde as criancinhas choram desabrigadas pela Napalm. A Morte senta-se a mesa para tomar café, e acompanha sómente os mais felizes.

Ela dorme. No seu corpo, perto do útero, uma cicatriz anuncia que o Fim mandou seu aviso. Cada um de nós já recebeu o seu, e caminhamos avassaladoramente, sem olhar para nada, tentando apenas atingir a plenitude antes que o despenhadeiro nos corte abruptamente a rota. Mas ela já atingiu êste êxtase, e agora se vê perdida numa terra aonde tôdas as feras estão à solta.

Nada posso fazer com esta mão que tu me estendes da profundidade de teu sono. Nada posso fazer.

Avanço para destruir.

Rio de Janeiro, 4/9/68